

RAZÃO E IRRACIONALIDADE, CIVILIZAÇÃO E BARBÁRIE

O Recurso do Método de Alejo Carpentier

Ed. Marca Zero, Rio, 1984.

Estevão Lukács Júnior

(Pós-Graduando em História PUC-SP.)

O romance histórico cria, enquanto a História recria. O primeiro é fonte da segunda, pois permite ao historiador penetrar nas representações coletivas do período focalizado e encontrar suas convergências com as estruturas sociais.

Dez anos após sua primeira edição em língua espanhola, chega as mãos do leitor brasileiro o livro do romancista cubano. Alejo Carpentier (1904-1982) é talvez o escritor cubano mais conhecido fora de seu país. Escritor e diplomata à serviço da Revolução Cubana, sua obra de ficção inclui *El reino de este mundo* (1949), *El siglo de las luces* (1952), *Guerra de tiempo* (1956) e *Los pasos perdidos* (1958). O presente romance de Carpentier não é inteiramente desconhecido aos apaixonados da literatura latino-americana e dos estudiosos das estruturas de dominação na América Latina, dadas as referências e análise de Octavio Ianni em seu pequeno livro, *Revolução e Cultura*.¹

Carpentier contrapõe – recorrendo muitas vezes à uma sutil simbologia – o método racional da reflexão cartesiana à irracionalidade vulgar e truculenta das ditaduras latino-americanas. A irracionalidade, no entanto, no negar a Razão não consegue anulá-la, ela a reproduz em nível diferente.

Os regimes ditatoriais da América Latina inaugurados por ditadores, tiranos e tiranetes, desde os simples representantes das oligarquias locais até os plantonistas do imperialismo, os “Supremos”, “Protetores da Nação” ou “Primeiro Magistrado”, em nosso caso, sob sua aparência carnavalesca, desproporcional, grotesca, dominados e dominantes, determinados e determinantes, dispõem de uma dinâmica própria: parafraseando J. Gorender, podemos afirmar que suas relações com o imperialismo resultam de uma interação e em certos momentos cruciais determinam reações nos próprios centros imperialistas e mudanças nas formas de dependência.²

Carpentier apresenta ao leitor uma verdadeira anatomia das ditaduras do Sul do Continente e o faz através de um realismo mágico, super realidade, realismo mais real de que a realidade³ para lançar sua luz sobre o imaginário, as expectativas, as esperanças além da esperança, os sonhos que não se realizaram, o pânico dos dominados e a arrogância dos dominantes.

A localização no tempo é ambígua; é o presente eterno das tiranias que se apoderam do passado e negam o futuro aos seus subalternos. A localização no espaço é indeterminada; é qualquer lugar na periferia americana dependente.

Desfilam ministros, generais, embaixadores, assessores e jornalistas, membros da Academia Francesa e prostitutas refinadas, os filhos do “Primeiro Magistrado”, o que “deu certo” e chegou a ser embaixador do seu país em Washington, encarregado de negociatas milionárias e o outro que não sai do Velho Mundo e afirma candidamente: “je n’ai que faire de ces embrouillements sudaméricains.”

O povo demora para marcar sua presença. “Le Brésil n’a pas de peuple” sentenciava Couty no século passado. Por que na república mágico-real de Carpentier haveria de ser diferente? Mas entra em cena quando as tropas do Primeiro Magistrado, instado pelo embaixador norte-americano, já que “a zona bananeira foi violada” e “os trabalhos da Dupont Mining estavam paralizados” pelos “místicos socializantes” entram na Cidade Rebelde e assassinam, trespassam, degolam, enforcam os revoltosos. Delinea-se o método.

A Razão e a Irracionalidade, a Civilização e a Barbárie são os componentes do imaginário que se entrelaçam, conflitam, se negam ou se afirmam ao longo do trama montado por Carpentier. Aqui – no mundo mental do ditador – é a Cidade Luz, o brilho, a cultura, a civilização, a ciência, a latinidade, as conversas eruditas, os vinhos deliciosos, os bordéis refinados. Lá é o uniforme incômodo, as obrigações entediadas do governo, as cidades empoeiradas, a selva, os mosquitos, as mulheres “soldaderas”.

O general-ministro do ditador, neto de alemão e de negra pretende dar combate aos revoltosos de acordo com os cânones militares de Scharnhorst, Clausewitz, Moltke e Jomini. Mas a selva não o perdoa; o general e seus planos desaparecem no borbulhar do pântano tropical.

Vai aqui um recado – pela leitura do historiador – aos dogmático-mecanicistas, os que tentam analisar o processo histórico latino-americano através de categorias que foram elaboradas para explicar contextos históricos diferentes.

O Estado encontra-se em formação, a República ainda não está estruturada. Diante dos olhares curiosos e abismados da multidão, surgem dos porões do navio, grotescos, bizarros, ameaçadores, desconexos, o Gorro Frígido, o Ombro e o Seio velado, a Cabeça, o Ombro e a Teta Desnuda, partes da Mulher Imensa, símbolo da República, obra prima do escultor italiano. Colocado no

topo do Capitólio – não havia Legislativo no país do Primeiro Magistrado – seu rosto sereno e grave perde-se para sempre para o público devido à sua altura.

Finalmente, o povo sai à rua, a ditadura agoniza. Apavorados, o centro imperialista e a burguesia local conivente, entram em acordo. O Primeiro Magistrado é colocado sob custódia dos “marines”, é chamado do exílio o antigo revolucionário, um professor místico-carismático. Raiam as luzes da democracia, o novo líder debruça-se sobre os problemas do país. Mas qualquer solução é “prematura”, “inoportuna”, “apressada”, ou o “povo ainda não está preparado.” A liberdade, esta sim, é autêntica e verdadeira: “haveria liberdade de ação sindical, sempre que esta não rompesse com a necessária harmonia entre o Capital e o Trabalho; reconhecia-se a necessidade de uma oposição sempre que fosse uma oposição cooperativa; aceitava-se o direito de greve, sempre que as greves não paralisassem as empresas privadas nem os serviços públicos (...)”. E no discurso do Austero Doutor há tantos “mas”, “entretanto”, “não obstante” e “sempre quando” que deixa em seu rastro um total vazio mental. É a dinâmica do Método, a negação da Razão revolucionária pela Irrracionalidade da dominação. A conclusão se encontra na citação introdutória:

“... meu propósito não é ensinar aqui o método que cada qual deve adotar para guiar acertadamente sua razão, mas somente mostrar de que forma tenho tratado de guiar a minha.”

Descartes (Discurso do método)

NOTAS

- ¹ Octavio Ianni, op. cit. pgs. 95-97.
- ² In: Modo de produção e realidade brasileira, José Roberto Amaral Lapa (org.), O conceito de modo de produção e a pesquisa histórica, pg. 65.
- ³ Octavio Ianni, op. cit., pg. 103.